

**PRESIDÊNCIA DO SENADO
DA REPÚBLICA DA POLÔNIA
Stanisław Karczewski**

Varsóvia, 7 de fevereiro de 2018.

*Prezados Senhores e Senhoras
Presidentes e Membros
de Organizações Polonesas e Polônicas,*

Há muitos anos, os poloneses na Polônia e no exterior defrontam-se com a lesiva, injusta e sobretudo falsa formulação “campos de concentração poloneses” e com acusações contra os poloneses pela coparticipação no Holocausto, que desrespeitam a nossa dignidade e o nosso orgulho nacional.

Em razão disso, já é tempo de a Polônia, livre há 29 anos, exigir a apresentação da verdade histórica. A lei adotada sobre o Instituto da Memória Nacional permitirá que se busque a verdade pela qual todos nos empenhamos.

A coletividade dos vinte milhões de poloneses e pessoas de origem polonesa residentes no mundo inteiro por diversas vezes tem demonstrado que pode apoiar eficazmente a razão de Estado polonesa. Isso tem ocorrido, por exemplo, quando nos empenhávamos pelo ingresso na OTAN e pelo justo lugar que nos cabia na família das nações europeias. Por isso, tendo em conta o bem da República da Polônia, dirijo-me aos Senhores e às Senhoras com um apelo para que promovam todas as ações possíveis com o objetivo de que seja divulgada a verdade histórica.

Como nação, constituímos uma comunidade unida pela língua, pela cultura e pela história.

Na emenda do Parlamento Polonês à lei do Instituto da Memória Nacional, foi escrito: “Quem em público e contrariando os fatos atribuir à Nação Polonesa ou ao Estado Polonês a responsabilidade ou a corresponsabilidade pelos crimes nazistas cometidos pelo III Reich Alemão [...] estará sujeito a uma multa ou à privação da liberdade por 3 anos”. O teor dessa medida de forma alguma censura o debate público, restringe a atividade de pesquisa ou a criatividade artística. Serve unicamente a que da vida pública sejam eliminadas as mentiras sobre a coparticipação da Nação polonesa e do Estado polonês nos crimes cometidos em terras polonesas durante a Segunda Guerra Mundial.

Em seu pronunciamento, o Premiê Mateusz Morawiecki disse: “A mentira de Auschwitz não está somente na negativa dos crimes alemães, mas também em outras formas de falsificação da história. Uma das piores formas dessa mentira é a diminuição da responsabilidade dos verdadeiros autores – e a atribuição dessa responsabilidade às suas vítimas. Queremos lutar contra essa mentira em todas as suas formas [...]. Os campos de concentração em que foram exterminados milhões de judeus não eram poloneses. Essa verdade tem de ser preservada, por ser uma parte da verdade sobre o Holocausto”.

A reação da opinião mundial, e especialmente de representantes das autoridades de Israel à emenda da lei sobre o Instituto da Memória Nacional provocou na Polônia o espanto, visto que o projeto de lei era conhecido por todos os interessados.

Esperançosos, aguardamos pelos resultados do trabalho de uma equipe de especialistas convocada por Mateusz Morawiecki e Benjamin Netanyahu, primeiros-ministros da Polônia e de Israel.

Estou profundamente convencido de que esse é um bom caminho para a edificação de pontes entre ambas as nações, que há mil anos têm vivido lado a lado, cujas culturas mutuamente se interpenetravam.

A Polônia sofreu durante a Segunda Guerra Mundial perdas sem precedentes – 6 milhões de poloneses perderam a vida, entre eles 3 milhões de judeus poloneses. Perdemos uma boa parte do nosso território, vivenciamos deportações, exílios, campos de trabalhos forçados, a pilhagem do nosso patrimônio numa escala inimaginável, e finalmente a destruição da Varsóvia. Nossos pais sofreram a fome, o terror, a morte que grassou nas ruas das cidades e das aldeias. Perdemos a soberania, fomos deixados do lado soviético da “cortina de ferro”.

A respeito do dramático destino dos judeus, o governo da República da Polônia foi a primeiro a informar a coletividade internacional. No entanto naquela ocasião os aliados não reagiram aos relatórios apresentados por Jan Koziielewski-Karski. O mundo ouviu com indiferença a informação sobre o extermínio dos judeus que a Alemanha nazista estava promovendo em terras polonesas ocupadas.

Somente na Polônia o ato de prestar qualquer ajuda aos judeus estava sujeito à pena de morte para toda a família. Apesar disso os poloneses não permaneceram indiferentes ao destino dos judeus aprisionados nos guetos e exterminados nos campos de concentração alemães. Muitos poloneses perderam a vida salvando os judeus. Um especial testemunho disso é também a ação do Conselho de Ajuda aos Judeus (criptônimo “Żegota”) – que funcionava junto à Delegação do Governo da República da Polônia para o nosso país.

A par de comportamentos que nos enchem de orgulho ocorreram atos infames, que de forma alguma definem a postura da nação polonesa. Esses foram casos isolados, aos quais o Estado Polonês Clandestino aplicava a pena de morte e que nós, atualmente, também decididamente condenamos.

Por muitos anos após a guerra a Polônia e os poloneses não podiam falar com sua própria voz, visto que não possuíam um Estado soberano. Naquele período não tínhamos influência na moldagem da opinião pública internacional, não podíamos defender-nos diante das calúnias.

Prezados Senhores e Senhoras!

A comunidade polônica mundial sempre tem apoiado a Polônia. Em diversos períodos da nossa história, como nos tempos sombrios do estado de sítio, essa comunidade tem apoiado as aspirações polonesas à recuperação da independência e da plena soberania. Tem se empenhado também para que a nossa voz fosse ouvida na arena internacional. A comunidade polônica tem preservado e cultivado os valores poloneses – o apego à liberdade, à tradição polonesa e à Igreja. A Polônia se lembra desse grande engajamento e se mostra grata pela ajuda demonstrada.

Acredito que também agora os nossos Compatriotas não nos decepcionarão. Acredito que pacientemente, conjuntamente edificaremos a compreensão com os ambientes judaicos nos diversos países, dando o testemunho da verdade sobre a Segunda Guerra Mundial.

Prezados Senhores e Senhoras!

Como presidente do Senado da República da Polônia, a quem cabe a proteção à comunidade polônica e aos poloneses no exterior, dirijo-me a todos os Compatriotas no mundo inteiro com o apelo a que sejam documentados e reunidos todos os testemunhos das crueldades, dos crimes contra a humanidade cometidos durante a Segunda Guerra Mundial. As últimas testemunhas daqueles acontecimentos aos poucos vão se afastando. É preciso gravar as suas lembranças para a preservação da memória sobre as injustiças praticadas tanto contra os judeus como contra os poloneses, os ciganos e todos os prejudicados.

Peço que seja promovida a documentação e que se reaja contra as manifestações de antipolonismo, as formulações e opiniões que nos prejudicam. Peço que seja dada ciência às nossas embaixadas, aos consulados e consulados honorários a respeito de difamações que prejudicam o bom nome da Polônia.

Faço um apelo a que sejam organizados seminários, exposições, encontros, envios de correspondências a respeito de ações empreendidas com o objetivo de que eficazmente seja exigida a verdade histórica. Peço também que sejam utilizados os seus bons contatos de parceria alcançados por anos de colaboração com representantes das autoridades do seu país, autoridades locais e organizações sociais, inclusive as que representam outras minorias nacionais, para a propagação de informações honestas sobre a Polônia e os poloneses. Os meus diversificados contatos internacionais conscientizam-me todas as vezes de que temos no exterior muitos amigos comprovados, dispostos a empreender com a Polônia um diálogo de parceria e a se inserir na obra da defesa da boa fama da nossa Pátria. Todos os poloneses podem e devem ser embaixadores do polonismo. Estou convencido de que as ações empreendidas nessa intenção serão capazes de trazer numa perspectiva próxima efeitos mensuráveis e positivos, tanto para a Polônia como para toda a comunidade dos poloneses que residem em diversos recantos do mundo.

Acredito que as ações promovidas pelos Senhores e pelas Senhoras serão uma ferramenta eficaz na luta pelo bom nome da Polônia e dos poloneses.

Stanisław Karczewski